

O Catecismo Purí do Pe. Francisco das Chagas Lima

Um catecismo "em lingua nacional e na dos Indios Purys", inédito e de paradeiro incerto, pode vir a ser a principal fonte sobre esta língua extinta.

por *Eduardo Rivail Ribeiro*¹

O Padre Francisco das Chagas Lima (1757-1832), primeiro vigário de Aparecida e vigário de Curitiba, sua terra natal, desempenhou papel de destaque na vida eclesiástica da então capitania de São Paulo.² Foi, porém, através de seu trabalho na catequização de dois povos indígenas — os Purí e os Kaingáng — que seu nome se tornou intimamente associado à história de duas povoações em cuja fundação desempenhara papel essencial: Queluz, na divisa com Minas Gerais e Rio de Janeiro, e Guarapuava (no que é, hoje, o estado do Paraná). Ambas, hoje cidades, nasceram como aldeamentos indígenas, confiados, em diferentes épocas, à direção espiritual do Padre Chagas Lima. A aldeia de S. João Baptista de Queluz, fundada em 1801, destinava-se à catequização dos índios Purí da região entre a Serra da Mantiqueira e o Rio Paraíba. A de Atalaia, fundada em 1810, reuniria índios Kaingáng da região dos Campos de Guarapuava.³

Como testemunha e protagonista dos primeiros anos da história de ambas as povoações, Chagas Lima produziu importantes documentos, alguns dos quais seriam publicados

¹ Lingüista, membro do Grupo de Pesquisa "Estudos Histórico-Comparativos Macro-Jê" da Universidade Federal de Goiás

² Lima teria nascido em 1757, segundo a *Genealogia Paranaense* de Francisco Negrão (disponível [online](#), consultada em 30 de dezembro de 2008), e teria sido vigário em Curitiba de 1784 a 1795. Nenhuma das fontes bibliográficas consultadas fornece sua data de falecimento. Devo esta informação à gentileza de Alessandro Kozlik Sluzala e Célia Paula, funcionários da Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Guarapuava, que a obtiveram na placa existente no monumento erigido em homenagem ao Pe. Francisco das Chagas Lima na Praça 9 de Dezembro, no centro daquela cidade. Chagas Lima faleceu em 1832, em Parnaíba (hoje, Santana de Parnaíba, São Paulo), onde fora morar com seu irmão (o vigário João Gonçalves Lima) após retirar-se de Guarapuava.

³ De acordo com Takatuzi 2005 (9), Lima teria trabalhado junto aos Purí por quatro anos; a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (3, p. 385) informa, no entanto, que ele teria sido substituído por José Francisco Rebouças de Palma (notar ligeira diferença no nome) apenas em 1808, o que sugere pelo menos sete anos de trabalho na aldeia de Queluz. A menos que a memória o tenha traído, a fonte mais confiável neste particular seria o próprio Pe. Chagas Lima, que resume assim, em terceira pessoa, os seus anos de labuta (4, p. 62, grifo meu): "O unico Missionario que resta já tem completados 69 annos, e trata de se recolher para tratar do seu allivio e descanço nos ultimos dias que lhe restam de sua existencia; e, ainda que estivesse em idade mais robusta, já não pôde só abranger a tudo o que se exige em Guarapuava dos deveres de seu ministerio da missão. Elle conta com 41 annos de serviço no Bispado de S. Paulo, foi 15 annos coadjutor e vigario collado na Villa de Coritiba, 4 annos na capella de N. S. da Aparecida, districto da Villa de Guaratinguetá, 5 annos catechizou na aldêa de Queluz, e residiu 17 annos em Guarapuava." Segundo Takatuzi (9, p. 55), o trabalho de Lima em Guarapuava teria durado 18 anos (1810-1828): "Em relato realizado em dezembro de 1827, Chagas Lima menciona que a catequese ocorreu até o ano de 1826, mas de acordo com os registros de batismos, casamentos e óbitos, ele continuou no aldeamento pelo menos até agosto de 1828."

postumamente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: a Notícia da fundação e principios d'esta Aldêa de S. João de Queluz* (5), escrita originalmente em 1802, contém, além de detalhes históricos sobre a fundação da aldeia, informações sobre os costumes Purí antes da catequização;⁴ a *Memoria sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava* (4), concluída provavelmente entre 1827 e 1828, contém, além de uma descrição detalhada do progresso e das vicissitudes do aldeamento, o “primeiro registro publicado sobre a língua Kaingáng”, segundo Wilmar D'Angelis (2). Especialista em Kaingáng, D'Angelis sugere que Chagas Lima teria sido, também, o provável autor do extenso “Vocabulario da lingua Bugre”, publicado anonimamente em 1852 no mesmo periódico (1) e que seria, na sua avaliação, “o melhor documento para o conhecimento da língua Kaingang produzido no Brasil no século XIX.”⁵

É provável, no entanto, que, como resultado de seu trabalho junto aos Purí, Chagas Lima tenha produzido uma contribuição lingüística de igual — se não maior — relevância (por tratar-se de língua há muito extinta, cuja documentação atualmente disponível limita-se a algumas poucas listas de palavras): um catecismo, inédito e de paradeiro incerto, “em lingua nacional e na dos Indios Purys”, mencionado por um de seus sucessores como vigário de S. João Baptista de Queluz, o Pe. Manoel Eufrazio de Oliveira.⁶ A primeira menção ao catecismo ocorre no relatório da 98ª. Sessão (19 de janeiro de 1843, p. 102) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tratando da correspondência recebida pela instituição (todos os grifos são meus):⁷

“Carta escripta pelo Sr. Manoel Eufrazio de Oliveira, enviando ao Instituto uma Noticia da fundação da Villa de S. João de Queluz (Provincia de S. Paulo), fielmente copiada da que se acha exarada no Liv. 1º. do Tombo da mesma villa: e noticiando que faz todas as diligencias possiveis para alcançar um Catecismo

⁴ A *Noticia*, infelizmente, não contém informações de interesse lingüístico, exceto pelo etnônimo *Packis* (“palavra que, segundo elles mesmos interpretam, quer dizer — gente mansa ou tímida”; 5, p. 73), o antropônimo *Vuti*, nome do Purí responsável pela reunião da primeira leva de indígenas destinados ao aldeamento de Queluz (5, p. 74), e a afirmação de que “[F]allavam um idioma totalmente diverso da lingua geral Brazilica” (5, p. 72).

⁵ Em ambos os trabalhos, a descrição de aspectos do Kaingáng caracteriza-se por uma atenção a detalhes incomum em trabalhos congêneres produzidos na época. O contraste maior é, naturalmente, em propósito: enquanto em trabalhos de autores como Auguste de Saint-Hilaire dados lingüísticos são mera curiosidade intelectual, para Chagas Lima desempenham um papel pragmático, servindo como ferramenta para a lida catequética. A preocupação em fazer-se entender pelos catecúmenos, tema constante em seus escritos, reflete-se no conteúdo do *Vocabulario*, que reproduz diálogos típicos da atividade catequética (e comuns, naturalmente, em catecismos da época). É o caso do verbete *Baptismo* (1, p. 62): “*Baptismo*, tupengoio cupê; já foi baptisado?, Tupengoio empujá. — *Quer ser baptisado?* Amá Tupengoio cupê-ké? — *Quero*, que te tim.” Para outros trabalhos produzidos pelo Pe. Francisco das Chagas Lima, bem como detalhes de sua atuação em Guarapuava, consulte Takatuzi 2005 (9).

⁶ A língua Purí pertence à família lingüística do mesmo nome (antes conhecida como “Coroadó”), que inclui também o Coroadó (do qual o Purí difere apenas dialetalmente) e o Koropó; a família Purí (hoje completamente extinta) é parte do tronco Macro-Jê. Para informações adicionais sobre a família lingüística Purí, consulte Loukotka 1937 (6), Rodrigues 1999 (8) e Silva Neto 2007 (7); nenhuma destas fontes menciona a possível existência do catecismo do Pe. Chagas Lima.

⁷ Todas as citações referem-se ao tomo V (1843) da *Revista Trimensal de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico Geographico Brasileiro*, disponível, em volume único, através do projeto [Google Books](#).

escripto pelo Rev. Francisco das Chagas Lima, em lingua nacional e na dos Indios Purys, o qual existia em poder do Rev. Parocho, hoje fallecido, José Rebouças da Palma; e que apenas o conseguir, remettel-o-ha.”

José Rebouças da Palma fora o sucessor imediato do Pe. Francisco das Chagas Lima à frente da Paróquia de S. João Baptista de Queluz e, como tal, teria tido acesso a quaisquer documentos eventualmente deixados por seu antecessor. As diligências de Manoel Eufrazio de Oliveira em busca do manuscrito foram, pelo visto, bem sucedidas, já que, sete meses depois, no relatório da 110ª. Sessão (17 de agosto de 1843, p. 389) do Instituto, lê-se o seguinte:

“Carta do Sr. Padre Manoel Eufrazio de Oliveira, remetendo um catechismo (MS.) em Portuguez e Pury pelo Reverendo Francisco das Chagas Lima.”

Finalmente, em relatório (de 10 de dezembro de 1843, p. 24 do suplemento ao Tomo 5º) apresentado pelo secretário perpétuo, cônego Januário da Cunha Barbosa, prestando conta das diversas contribuições recebidas pelo Instituto em seus cinco primeiros anos de existência, encontra-se mais uma menção aos manuscritos de Chagas Lima doados por Manoel Eufrazio:

“Do Sr. Vigario Manoel Eufrazio d’Oliveira um manuscripto intitulado – Noticia da fundação da Villa de S. João de Queluz (Provincia de S. Paulo), fielmente copiada da que se acha exarada no livro 1º. do Tombo da mesma Villa; — Cathecismo manuscripto em Portuguez e Pury pelo reverendo Francisco das Chagas Lima.”

Considerando-se a qualidade de seus trabalhos sobre o Kaingáng, é provável que não teriam faltado, a Chagas Lima, as qualificações intelectuais para a redação de um catecismo Purí (ainda que em caráter tentativo), em que pese a menor duração de sua atividade missionária em Queluz.⁸ Além disso, as repetidas menções ao manuscrito do catecismo parecem deixar poucas dúvidas quanto à sua existência — e ao fato de que o Instituto o tenha recebido. Que fim teria levado, então, o Catecismo Purí do Pe. Francisco das Chagas Lima? Por que teria permanecido inédito (em evidente contraste com a 'Noticia', publicada sem demoras no mesmo tomo em que se noticia o seu recebimento)? Espera-se que uma investigação cuidadosa nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, e arquivos congêneres (como o da Biblioteca Nacional) — bem como, possivelmente, em arquivos paroquiais e familiares —, ajude a resolver este mistério bibliográfico. Caso venha a ser, de fato, encontrado, este seria um achado de importância ímpar para o conhecimento da família Purí e de sua posição dentro do tronco Macro-Jê.⁹

⁸ Ao iniciar seu ministério em Queluz, Chagas Lima já tinha mais de quarenta anos de idade, com uma experiência acumulada de vinte anos como vigário em Aparecida e Curitiba.

⁹ Há, presumivelmente, outras fontes extraviadas sobre a família Purí. De acordo com fontes da Companhia de Jesus, o jesuíta Manuel Viegas (falecido em 1608) teria produzido vocabulário, catecismo e uma gramática da língua Maromomim (que, segundo Aryon Rodrigues (8), teria pertencido à família Purí). Tais documentos, contudo, nunca foram localizados. Cf. Leite, Serafim. 1939. Capítulo II: [Fundação da lingüística nacional](#). In *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo II (Século XVI — A Obra), p. 545-568. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Anexo

Zaluar, Augusto-Emilio. 1862. [A villa de Queluz](#) (2.57 MB). Capítulo de *Peregrinação pela Provincia de S. Paulo (1860-1861)*, p. 80-91. Rio de Janeiro: Livraria de B.-L. Garnier. [Inclui, como apêndice (p. 379-398), a transcrição de documentos disponíveis no livro do tombo da igreja matriz de Queluz: a *Noticia da fundação e principios da aldeia de S. João de Queluz*, do Padre Francisco das Chagas Lima (publicada antes na RIHGB), e cartas de sesmaria concedendo terras para o aldeamento indígena.] Na ocasião de sua passagem por Queluz, o autor visitou a anciã Ignez, que seria, aparentemente, a última remanescente “pura” dos índios Purí aldeados seis décadas antes.

Referências

1. Anônimo. 1852. [Vocabulario da lingua bugre](#). *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo XV, n. 5, p. 60-77. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert.
2. D'Angelis, Wilmar da Rocha. 2003. O primeiro século de registro da língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica. Trabalho apresentado originalmente no 3º Encontro Macro-Jê (Brasília, LALI-UnB, 3 a 6 de dezembro de 2003). Disponível em <http://www.portalkaingang.org/Primeiros100anos.pdf> (consultado em 29 de dezembro de 2008).
3. IBGE. 1957. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, vol. XXIX (São Paulo, J-Q). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
4. Lima, Francisco das Chagas. 1842. [Memoria sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava](#). *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo IV, n. 13, p. 43-64. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva.
5. Lima, Francisco das Chagas. 1843. [Noticia da fundação e principios d'esta Aldêa de S. João de Queluz](#). (Copia extrahida do Livro 1º. do tombo da Freguezia de S. João Baptista de Queluz, Provincia de São Paulo). *Revista Trimensal de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico Geographico Brasileiro*, Tomo quinto, 3ª. edição, p. 72-76. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert & Cia.
6. Loukotka, Čestmír. 1937. [La familia lingüística coroadó](#). *Journal de la Société des Américanistes*, vol. 29, n. 1, p. 157 – 214.
7. Silva Neto, Ambrósio Pereira da. 2007. [Revisão da classificação da família lingüística Purí](#). Dissertação de mestrado, UnB.
8. Rodrigues, Aryon Dall'Ígna. 1999. Macro-Jê. *The Amazonian languages*. Cambridge Language Surveys, ed. Robert M.W. Dixon and Alexandra Y. Aikhenvald, pp. 165-206. Cambridge: Cambridge University Press.
9. Takatuzi, Tatiana. 2005. [Águas batismais e santos óleos: uma trajetória histórica do aldeamento de Atalaia](#). Dissertação de mestrado, Unicamp.

Submetido em 29 de dezembro de 2008. Publicado em 6 de janeiro de 2009.